



Teologia Brasileira

Nº 95 | 2022 ISSN 2238-0388

O templo — sua história e seu futuro <i>Randall K. Cook</i>	5
Duas diásporas e duas voltas <i>Frans Leonard Schalkwijk</i>	21
A cura da alma: cultivando hábitos espirituais e pastorais saudáveis <i>Juan de Paula</i>	33
Uma Constituição para as nossas comunidades em miniatura: A família como uma célula de resistência <i>Ben C. Dunson</i>	38
Lançamentos	47

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplam a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Conselho editorial

Me. Franklin Ferreira e Dr. Jonas Madureira

Coordenador de produção:
Sérgio Siqueira Moura

Revisão:
Eliel Vieira

Contato:
[teogiabrasileira@vidanova.com.br](mailto:teologiabrasileira@vidanova.com.br)

Editorial

Está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira!

Nesta edição, apresentamos um artigo de 1992 do professor Randall K. Cook sobre o papel do templo nas Escrituras e na vida de Israel. Neste artigo, o autor faz um belo resumo do templo e uma consideração de como e quando ele será reconstruído.

Frans Leonard, por sua vez, discute sete perguntas críticas que pesam na balança contra uma segunda volta dos judeus para sua terra como cumprimento da promessa de Deus.

Juan de Paula resenha uma das recentes obras de Harold L. Senkbeil que trata sobre a natureza do ministério pastoral e como o ministro se mantém espiritualmente saudável em meio a tantas demandas internas e externas.

Por fim, Ben C. Dunson examina a ideia da família como uma pequena comunidade em geral e também vê a necessidade de essas famílias serem formadas e reguladas por meio da prática de um ensino sólido.

No vídeo desta edição, disponibilizamos um vídeo apresentado durante o 9º Congresso de Teologia Vida Nova. Nele, G. K. Beale explora o uso do Antigo Testamento em Apocalipse e como isso se relaciona com a inspiração bíblica.

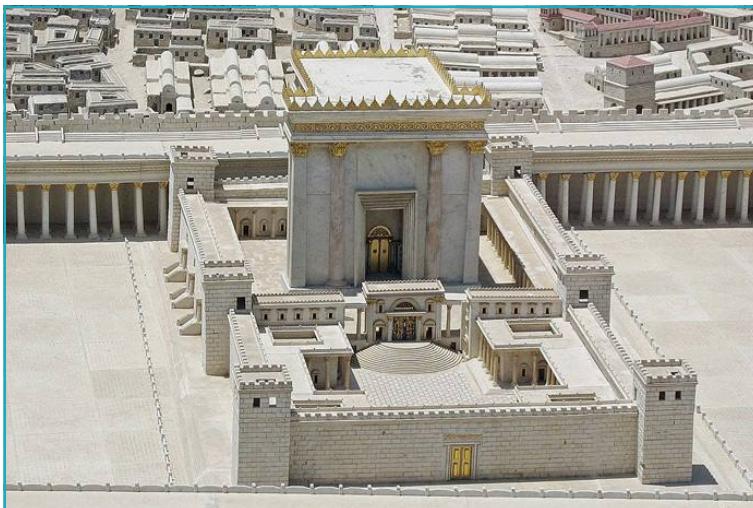
Boa leitura!



Assista ao vídeo!

O Templo — sua história e seu futuro

Randall K. Cook



O templo da época de Jesus era aquele que Herodes construiu. Na realidade, ele havia remodelado o templo de Zorobabel, construído no período persa, mas a obra foi de tal tamanho que praticamente consistiu de uma nova construção.

A respeito deste imenso projeto, o Talmude¹ diz: “Quem não viu o templo de Herodes, nunca viu um belo prédio.” A beleza deste prédio foi considerada uma das sete maravilhas do mundo antigo e levou os discípulos de Jesus a comentarem sobre o tamanho das pedras e a beleza da sua construção (Mc 13.1; Lc 21.5).

¹O Talmude é uma compilação de literatura judaica composta de comentários e opiniões legais dos rabinos até o quinto século d.C. Esta tradição oral foi reduzida à escrita em c. 450 d.C. e tem como núcleo outra coleção de opiniões rabínicas [citada pelo rabino Judá ha-Nasi, em c. 200 d.C.], conhecida como a Mishná. O conteúdo rege praticamente todas as áreas da vida e é dividido em 6 ordens (sidurim): 1. Sementes (zeraim), 2. Festas (moed), 3. Mulheres (nashim), 4. Danos (nezikin), 5. Coisas Sagradas (kodashim) e 6. Pureza (tohorot). Os 63 tratados (massektot) que compõem o total são divididos em seções (perakim). Os comentários (midrashim) são de dois tipos: halakha (“caminho” ou regras de vida) e haggadah (“narração” ou aplicações homiléticas). A língua da Mishná é o hebraico, enquanto a maior parte do Talmude é o aramaico.

O papel do templo nas Escrituras e na vida de Israel tem tanta importância que será falho qualquer estudo da Bíblia que não o considere. O assunto tem suas raízes no tempo de Moisés e na ordem de construção do tabernáculo, e sua conclusão só virá com a Nova Jerusalém, que não terá um templo, “porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro” (Ap 21.22). Neste artigo, faremos um breve resumo do templo e uma consideração de como e quando ele será reconstruído.

O Tabernáculo

O Tabernáculo (mishkan) foi construído sob direção divina por Moisés, logo após o Êxodo do Egito.² Este santuário portátil foi utilizado durante os quarenta anos da peregrinação no deserto, mas também depois da conquista, por um período de mais de 400 anos. Foi localizado em Silo no período dos juízes (Js 18.1). Durante o reinado de Saul foi transferido para Nobe (1Sm 21) e posteriormente para Gibeom (1Cr 16.39).

Esta tenda, feita de peles de animais e linho, era retangular, medindo 10 x 30 côvados (c. 4,3 x 12,8 metros), e situava-se dentro de um átrio de 50 x 100 côvados (c. 21,4 x 42,8 metros). No santuário (ohel ha-moéd) havia um candelabro de sete braços, uma mesa para os pães da proposição e um altar para incenso. O Santo dos Santos (kodesh ha-kodashim) continha apenas a Arca da Aliança, onde se encontravam as tábuas de pedra com os Dez Mandamentos (posteriormente foram incluídos também a vara de Arão e um vaso com maná; ver Êx 16.33, Nm 17.10 e Hb 9.4). O tabernáculo era mantido e transportado pelos levitas, sendo sustentado por uma taxa anual. Os sacrifícios eram feitos pelos sacerdotes (cohanim) descendentes de Arão, o primeiro sumo sacerdote.

Davi trouxe a Arca da Aliança para Jerusalém (2Cr 1.4) e preparou uma tenda para ela. Aparentemente, a tenda original não mais existia, pois a Bíblia não

²Conforme 1Reis 6.1 e Juízes 11.23, isto aconteceu em 1446 a.C. Apesar da quase total rejeição da data bíblica, nenhuma descoberta arqueológica tem contrariado esta datação e há boa base arqueológica para sua confirmação. Veja os argumentos do artigo recente (e muito comentado até na imprensa secular) de Bryant G. Wood, “Did the Israelites Conquer Jericho? A New Look at the Archaeological Evidence”, Biblical Archaeology Review (março/abril de 1990): 44-59.

a menciona e não temos informações do que lhe aconteceu. Com a construção do templo feita por Salomão ela não era mais necessária.

O primeiro templo

O sonho de Davi foi realizado no décimo século a.C.,³ quando Salomão construiu o primeiro templo no Monte Moriá, no mesmo local do altar de Abraão (2 Cr 3.1; Gn 22.2, 9). O Senhor havia indicado o lugar exato por meio do profeta Gade, e Davi erigiu ali um altar, na ocasião da peste destruidora (2Sm 24.18-19). O monte servia na época como eira pertencente a Araúna, o jebuseu, e Davi o comprou para a futura construção do templo (1Cr 21.18—22.6, esp. 22.1).

Apesar das descrições detalhadas na Bíblia quanto aos preparativos e à própria construção (1Rs 6—7 e 2Cr 3—4), não dispomos de informações sobre as dimensões do primeiro templo. Salomão certamente usou o tabernáculo como padrão, e sabemos que dobrou as medidas do santuário e do Santo dos Santos (2Cr 3.3, 8 com Ex 26). Então, pode-se deduzir logicamente que ele também dobrou as medidas dos átrios. Isto resultaria numa área de 100 x 200 côvados ou c. 42,8 x 85,6 metros, dependendo do tamanho do côvado da época.⁴

³A construção começou na primavera do ano 966 a.C., no “segundo dia do segundo mês do quarto ano” do reinado de Salomão (2Cr 3.2 e 1Rs 6.1), e o templo foi dedicado vinte anos depois (ver os sete anos de 1Rs 6.37, 38 e os treze anos de 1Rs 7.1 com 1Rs 9.10).

⁴Sendo que a medida original foi determinada pela anatomia humana (24 dedos = 6 palmos = 1 braço ou côvado), havia grande variedade na sua exatidão. Pelo menos quatro “côvados” foram estabelecidos na antiguidade e podem ser identificados na Bíblia:

Côvado de Moisés = 42,8 cm. (o “côvado de um homem”, em Dt 3.11)

Côvado de Esdras = 43,7 cm. (o côvado “do primitivo padrão”, em 2 Cr 3.3)

Côvado comum = 44,6 cm. (o “côvado nobre”, em Ez 41.8)

Côvado Real ou Egípcio = 52,5 cm (o côvado “de um côvado comum e um palmo”, em Ez 40.5 e 43.13)

Ver artigos de:

A. Ben-David, “The Hebrew-Phoenician Cubit”, Palestine Exploration Quarterly (janeiro-junho de 1978): 27-28.

Asher S. Kaufman, “Determining the Length of the Medium Cubit”, Palestine Exploration Quarterly (julho-dezembro de 1984) 120-132.



Figura 1: O estilo arquitetônico da Fenícia (1Rs 5:1-12; 2 Cr 2:1-18) e o padrão do tabernáculo de Moisés foram as duas maiores influências na planta do primeiro templo.

Figura 1: O estilo arquitetônico da Fenícia (1Rs 5:1-12; 2 Cr 2:1-18) e o padrão do tabernáculo de Moisés foram as duas maiores influências na planta do primeiro templo.

Esta área total de 3.660 m² foi coberta posteriormente pela construção da plataforma herodiana (de c. 165.000 m²). Apenas a “Pedra de Fundação” (even shetiyah) continuava exposta dentro do Santo dos Santos. Segundo o Tosefta,⁵ a Arca da Aliança tinha de repousar diretamente numa superfície de pedra natural, mas havia uma parte da pedra elevada três dedos acima do restante, marcando a posição exata da arca.⁶

O sumo sacerdote era a única pessoa que tinha permissão para entrar no Santo dos Santos (devir), e isto só uma vez por ano, na ocasião do Dia da Expiação, quando ele entrava para aspergir a Arca da Aliança. Os demais sacerdotes ministram no santuário (heichal), onde se encontravam os dez candelabros, o altar de incenso, e a mesa dos pães da apresentação.

O templo de Salomão teve uma existência de 410 anos, até sua destruição por Nabucodonosor, no nono dia do mês de Av (tisha beAv), no ano 586 a.C. A destruição da cidade de Jerusalém resultou na morte de milhares de judeus, e os sobreviventes foram levados à Babilônia em três deportações (Jr 52.28-30).

O segundo templo

Depois da conquista da Babilônia pelo rei Ciro da Pérsia, a política de deportações mudou. Num decreto de 539 a.C., ele autorizou a volta dos judeus à terra de

R. B. Y. Scott, “The Hebrew Cubit”, Journal of Biblical Literature (setembro de 1958) 205-214.

⁵O Tosefta (“acrécimos”) é uma coleção semelhante de comentários, opiniões e decisões com aproximadamente a mesma idade da Mishná.

⁶Yom Ha-Kipurim 3.6 (ver também Mishná Yoma 5.2).

Israel (Ed 1.2-5). Sob a liderança de Zorobabel e com o apoio dos profetas Ageu e Zacarias, o templo foi reconstruído. A dedicação foi em 516 a.C., setenta anos depois da sua destruição pelos babilônios.

O templo de Zorobabel era mais humilde (Ed 3.12) e faltavam muitos dos artigos originais. Por exemplo, Josefo e outras fontes rabínicas indicam que a Arca da Aliança não ocupava mais sua posição no Santo dos Santos. Existem quatro teorias quanto à história subsequente da Arca. Uma delas, baseada no fato de a Arca não ser mencionada na lista dos utensílios trazidos de volta da Babilônia (Ed 1.9-11), diz que ela foi destruída junto com o templo e que não foi levada à Babilônia. A segunda teoria diz que ela foi destruída ou mantida na Babilônia e, por isso, não consta das listas daquilo que voltou com Sesbazar. A terceira afirma que, se Apocalipse 11.19 for uma referência à Arca da Aliança (e não a outra arca), ela está agora no céu.

A quarta teoria, a mais popular, presume que a arca foi escondida pelos sacerdotes, antes da destruição do templo em 586 a.C., e só será trazida à luz quando o Messias restaurar o terceiro templo. Existem várias opiniões quanto a localização da arca hoje, mas a ideia predominante é de que permanece em algum esconderijo subterrâneo no próprio Monte do templo.⁷

O templo de Zorobabel foi saqueado pelos sírios em 169 a.C., e uma imagem de Zeus foi levantada no local. Dois anos depois, por ordem de Antíoco IV, porcos foram sacrificados no altar e o culto judaico foi suspenso até a revolta dos macabeus.⁸

Jerusalém foi conquistada pelos romanos em 63 a.C., mas o culto no templo não foi interrompido, devido ao respeito que Pompeu tinha pela religião judaica. Em 36 a.C, Herodes, o Grande, foi nomeado “rei da Judeia” e assassinou os últimos membros da dinastia hasmoneana. Querendo manter o apoio dos judeus, ele elaborou um imenso projeto de reconstrução do templo.

⁷Certamente não está num depósito esquecido em Washington, D.C., aguardando um futuro episódio de Indiana Jones!

⁸Macabeu (“martelo”) era o apelido de Judas, filho de Matatias, chefe da insurreição dos judeus contra Antíoco Epifânio. O apelido veio a incluir tanto seus irmãos que o sucederam na liderança como o período inteiro da história judaica. Também é usado o termo “dinastia hasmoneana” para indicar o período macabeu (165-63 a.C). Este nome é derivado do pai de Matatias.

O templo de Herodes

Herodes, o Grande, foi proclamado “rei da Judeia” pelo senado romano em 40 a.C., mas só assumiu o poder em 37 a.C., após a derrota da família hasmoneana. Em pouco tempo, obteve a fama de ser o rei mais odiado da história dos judeus, conhecido por sua tirania e crueldade. Por causa do medo de ter um candidato rival ao trono, mandou matar sua esposa, três filhos, sua sogra, um cunhado, um tio e várias outras pessoas (e. g. os meninos de Belém, Mt 2.16). Isto levou o imperador Augusto a comentar que era mais seguro ser um porco (em grego, *bus*) do que filho (em grego, *huios*) de Herodes.

Por outro lado, Herodes tentou receber apoio dos judeus de duas maneiras: primeira, casando-se com Mariamne, da família hasmoneana, e, segunda, reconstruindo o templo. A arqueóloga Kathleen Kenyon denominou a construção de Herodes como o “terceiro templo”, mas esta terminologia nunca foi adotada e é usada hoje para indicar uma construção futura do templo. O termo “segundo templo” inclui tanto o templo de Zorobabel como o de Herodes, pelo fato de não ter cessado o culto no local.

O fato de que a construção de Herodes não foi uma simples reforma do templo de Zorobabel é evidente pelo tamanho da obra. Muralhas de arrimo foram construídas nos quatro lados do Monte Moriá, para criar uma plataforma

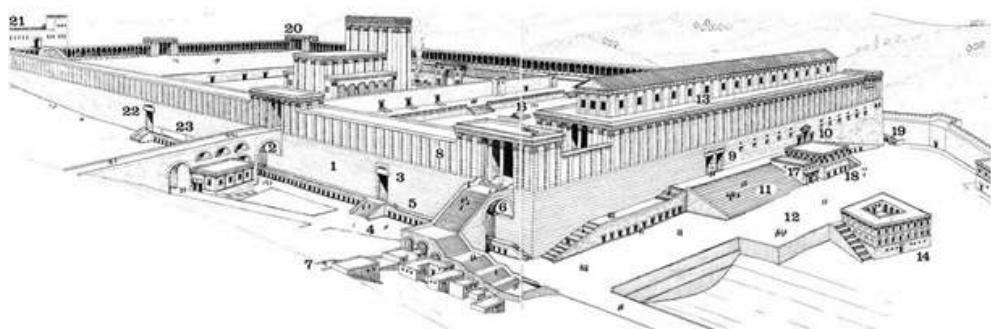
O monte do templo durante o período do Segundo Templo

Reconstrução baseada em evidências arqueológicas e históricas

1. Muralha ocidental
2. Arco de Wilson
3. Portão de Barelay
4. Rua herodiana
5. Restos de lojas
6. Arco de Robinson
7. Cidade alta
8. Pilastras
9. Portão Duplo
10. Portão Triplo

11. Escada monumental
12. Praça
13. Pórtico Real
14. Palácio (?)
15. Palácio (?)
16. Acesso à área do templo
17. Balneário (mikvaot)
18. Câmara do conselho
19. Escada para a rua
20. Torre herodiana
21. Fortaleza Amônia
22. Portão de Warren
23. Pedras de cantaria herodianas

Figura 2: Reproduzido com permissão do desenhista, Leen Ritmeyer.



Retangular, dobrando o espaço e criando uma área plana para novos átrios, pórticos, e outras construções. O santuário foi completamente demolido e reconstruído com o dobro do tamanho anterior. Toda esta construção foi supervisionada pelos sacerdotes, e a construção do templo propriamente dito foi realizada por eles. A construção foi iniciada em 20 a.C. e completada apenas em 64 d.C., num total de oitenta e quatro anos!⁹

⁹João 2.20 diz que levou “46 anos para construir”, mas isto foi só até aquele dia, pro-

O tamanho e a beleza da obra são comentados por todos os que escrevem sobre Jerusalém — desde Josefo até Leen Ritmeyer. Este, um cristão holandês que hoje mora na Inglaterra, participou das escavações no Monte do Templo, chefiadas pelo Prof. Benjamin Mazar, da Universidade Hebraica. Este projeto começou em 1968, logo depois da Guerra de Seis Dias. Apesar de não terem acesso ao topo da plataforma herodiana, muito foi revelado sobre as construções herodianas em volta do templo. Leen Ritmeyer, com a ajuda da sua esposa irlandesa Kathleen, foi o desenhista da obra.¹⁰

A obra herodiana não só dobrou a área original (caberiaem doze campos de futebol na plataforma!) como também modificou permanentemente a topografia da cidade. Hoje é difícil ao observador leigo identificar um monte embaixo da plataforma, e o vale central é apenas uma pequena depressão. A pedra virgem encontra-se vinte e um metros abaixo do nível da praça moderna, em frente à Muralha Ocidental. Quase 2000 anos depois da sua morte, Herodes continua a dominar o horizonte de Jerusalém.

No ano 66 d.C., os judeus se revoltaram contra a opressão romana. Em apenas quatro anos, no ano 70 d.C., foram derrotados, e Jerusalém foi destruída por ordem do Imperador Tito. Como no caso do primeiro templo, o templo de Herodes foi queimado e totalmente destruído, no dia nove de Av.

Na segunda revolta, liderada por Shimon Bar Kochbah, em 132-134 d.C., houve uma tentativa de se restaurar o templo. Foi construído um altar no Monte do templo e iniciou-se um novo alicerce. Mas tudo foi perdido na vitória dos romanos, em 135 d.C. Logo depois, o Imperador Adriano construiu no local um templo ao deus Júpiter, e os judeus viveram dezenove séculos de exílio e dispersão.

vavelmente no ano 26 d.C. A construção do prédio do templo propriamente dito levou apenas dezoito meses, em 20-19 a.C.

¹⁰Uma coleção de artigos no Biblical Archaeology Review de novembro/dezembro de 1989 revela os resultados do trabalho dos Ritmeyers. O artigo “Reconstructing Herod’s Temple Mount in Jerusalem” (p. 23-42) traz muitos dos desenhos do casal, incluindo o que é reproduzido com permissão neste artigo. Detalhes do templo propriamente dito foram publicados por Joseph Patrich, “Reconstructing the Magnificent Temple Herod Built”, Bible Review (outubro de 1988).

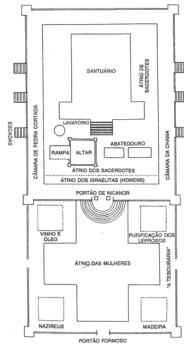


Figura 3: A planta do templo de Herodes

O terceiro templo

Hoje, a reconstrução do templo é assunto de enorme interesse para judeus ortodoxos e muitos cristãos. Uma interpretação literal das Escrituras resultará na conclusão de que haverá novamente um templo em Jerusalém, durante o período da tribulação (Dn 9.26-27; Mt 24.15; 2Ts 2.4; Ap 11.1-2). Se ele virá a ser construído em nossos dias é uma pergunta que ainda não tem resposta. Para os judeus ortodoxos,¹¹ as dificuldades envolvidas apresentam uma série de obstáculos à construção:

- a questão da autorização divina;
- a seleção dos sacerdotes para liderar a construção e reiniciar o culto;
- a ausência dos móveis e utensílios sagrados originais;
- a falta de uma planta exata e completa das construções anteriores;
- acesso ao local e permissão para construir, diante da oposição muçulmana;
- a questão da idoneidade da presente geração; e
- a questão da reinstituição ou não dos sacrifícios de animais.

¹¹O material que segue é adaptado de três fontes principais: (1) uma entrevista com Gershom Salomon, líder dos “Fiéis do Monte do Templo”, publicada no Jerusalem Post International Edition (13 de abril de 1991): 10-11, (2) o artigo publicado na coluna “Tora Today” pelo Rabino Pinchas H. Peli, “A Place for the Lord”, Jerusalem Post (10 de fevereiro de 1989): 11 e (3) o artigo de J. Jay Wolf, “It’s Time to Plan our Next Temple”, Forum (primavera de 1985): 107-117.

1. A autorização divina

Não havendo qualquer proibição divina e baseado na ausência de uma autorização divina para o templo de Herodes (que não limitou o seu sucesso e popularidade dentre a liderança espiritual da época), a maioria concorda que não há necessidade de uma maior autorização além daquela existente em *Êxodo* 25.8: “E me farão um santuário para que eu possa habitar no meio deles.”

Os rabinos Rashi, Rashbam, Hezkuni e Maimónides são citados como autoridades para esta interpretação.¹² De outro modo, não teria sentido a repetição da *Amidá* em todas as ocasiões em que judeus oram nas sinagogas:

Pousa a tua glória na tua cidade, Jerusalém, como prometeste, e o trono de David, teu servo, ali seja depressa restabelecido [sic]; e reconstrói-a, fazendo dela uma construção eterna, depressa em nossos dias [...] Compraz-te, eterno, nosso Deus, com o teu povo de Israel e as suas orações recebe. Reconduz o serviço Divino do santuário da tua casa.¹³

A conclusão é de que “por mais desejável que seja a intervenção divina, não seria considerada um pré-requisito inalterável para se iniciar a restauração”.¹⁴

2. A seleção dos sacerdotes

É grande a falta de genealogias adequadas para se estabelecer a linhagem sacerdotal. Todavia, não há razão para se pensar que esta situação vá melhorar com o passar do tempo. Certamente, não há falta de candidatos (todos aqueles cujo sobrenome é Cohen, Cohn, ou algo semelhante), e todos os judeus que estudam o *Talmude* conhecem as obrigações e funções dos sacerdotes, segundo descritas nos tratados *Zevachim*, *Tarnid* e *Middot*.

Outro problema em relação aos sacerdotes é sua purificação ceremonial, que requer as cinzas do bezerro vermelho. Antes de purificar o local do templo, é necessário purificar os sacerdotes, e isto só poderá ser feito depois de se escolher

¹²Peli, op. cit.

¹³Wolf, op. cit., 112.

¹⁴Meir Matzliah Melumed, *Sidur Tefitlat Matzlioh* (Rio: Congregação Religiosa Israelita Beth-EI, 1978): 80.

um animal perfeito que deve ser sacrificado e queimado no Monte das Oliveiras para produzir as cinzas necessárias (Nm 19.10). Apesar de algumas tentativas de Wendell Jones¹⁵ e muito interesse da parte da liderança do rabinato chefe de Israel, ainda não há solução para este problema.

3. A falta dos utensílios

Além da crença popular já citada de que a arca está preservada embaixo do Monte do Templo, existem outras soluções para a falta do equipamento necessário para o culto no templo. Na realidade, não são necessárias as peças originais, uma vez que em cada reconstrução do templo foram produzidos alguns novos utensílios (e.g. Saio mão só usou a Arca da Aliança do tabernáculo e o segundo templo sequer tinha arca). Existem na Bíblia, na Mishná, e no Talmude descrições detalhadas de cada artigo necessário, embora nem sempre concordem entre si.

Desde 1973, o “Instituto do Templo” em Jerusalém tem feito pesquisas e já completou vários projetos relacionados com a mobília do templo e as roupas dos sacerdotes. O projeto mais recente foi o menorah (candelabro de sete braços), que será colocado no Santos dos Santos. Este projeto só espera um doador de 43 quilos de ouro para que seja completado!¹⁶

4. As plantas originais

Sendo que nenhum dos templos seguiu a mesma planta, não são necessárias maiores informações, além das que já existem quanto às medidas. O problema maior é quanto à certeza da posição exata do templo no monte. Absolutamente nada pode ser feito, até que se resolva a questão de onde deve ser construído. Já na ocasião da primeira reconstrução do templo encontramos esta preocupação com a localização exata do altar.¹⁷

¹⁵Jones é do estado norte-americano de Indiana e foi a inspiração para a figura de “Indiana Jones”!

¹⁶Jerusalem Post International Edition (24 de agosto de 1991): 13.

¹⁷Esdras 3.3 diz que eles “firmaram o altar sobre suas bases” (mechonotav). O léxico de Brown-Driver-Briggs (p. 467d) dá como significado da raiz deste termo “lugar fixo ou estabelecido”. O seu uso em outros contextos (Êx 15.17; 1Rs 8.39,43,49; Sl 104.5) pode ser interpretado como um ponto determinado, não apenas uma base sólida (ver tb. o uso do termo em relação ao templo, em Esdras 2.68).

Até recentemente, esta questão teria tido uma resposta relativamente simples. É comum identificar a pedra¹⁸ debaixo da Cúpula da Rocha como o lugar certo. Mas, lugar certo para quê? São oferecidas duas respostas: ¹⁹ a pedra é (1) o lugar do Santo dos Santos ou (2) do altar de ofertas queimadas. Mas não se pode permitir tanta incerteza. Outras dificuldades também surgem quando se tenta relacionar todos os elementos do templo e seus átrios a esta posição.

Nos últimos quinze anos, o trabalho de Asher Kaufman²⁰ tem contribuído muito para a solução deste problema. Kaufman partiu do fato de que a Mishná²¹ afirma que o átrio maior do Monte do templo estava ao sul do templo, o segundo a leste, o terceiro ao norte, e o menor a oeste. Simplesmente não é possível encaixar esta descrição com uma posição do templo no mesmo local da Cúpula da Rocha.²² O fato é que a pedra virgem é visível em dois lugares no monte. Aproximadamente a 100 metros a norte-noroeste da Cúpula da Rocha, há uma pequena cúpula de pedra que tem como nome “Cúpula de Tabletes”, situada sobre uma

¹⁸Esta pedra chamada “as Sakhra”, na língua árabe, é venerada pelos muçulmanos como o lugar de onde Maomé ascendeu aos céus. Eles podem até mostrar a pegada que seu cavalo el-Buraq deixou na pedra antes de subir.

¹⁹Veja, por exemplo, o Novo Dicionário da Bíblia (São Paulo: Vida Nova, 1966) 1569, que dá as duas sugestões. A identificação desta pedra como o lugar certo pode ser remontado apenas ao oitavo século d.C. ao Wahb ibn Manabbih, um judeu convertido ao islã.

²⁰Ele tem contribuído com artigos aos anuários da Encyclopaedia Judaica sobre o assunto e os resultados das suas pesquisas já apareceram em muitas publicações arqueológicas, notavelmente o “best-seller” que popularizou a sua hipótese, “Where the Ancient Temple of Jerusalem Stood”, Biblical Archaeology Review (março/abril de 1983) 40-59. Por não ser arqueólogo (ele é professor de física na Universidade Hebraica em Jerusalém), o seu trabalho não foi levado a sério pela comunidade arqueológica de início, mas hoje tem recebido maior aceitação. Sua conclusão quanto a localização do templo já é publicada como “Local Alternativo” nos mapas oficiais do Estado de Israel, nos mapas publicados pela Carta e no atlas do Pictorial Archive.

²¹Middot 2.1.

²²Apoio para a não-identificação desta pedra como o lugar do templo é o fato de que dificilmente haveria uma eira no pico de uma montanha. Se não for a base do altar nem do Santo dos Santos, como identificamos então esta pedra? Uma possibilidade surge da Mishná (Taánit 3.8 com Baba Metzia 2.1·6) que fala de uma “Pedra dos Requerentes” ao sul do templo que funcionava como uma espécie de “Achados e Perdidos”.

pequena área de pedra virgem exposta. Este é o lugar identificado por Kaufman como a “Pedra de Fundação” no Santo de Santos.

Um argumento forte na sua teoria é o alinhamento desta pedra com o Portão Dourado.²³ Uma referência na Mishná²⁴ indica que, quando o sumo sacerdote sacrificava o bezerro vermelho num ponto elevado no Monte das Oliveiras, ele podia olhar sobre o Portão Dourado para dentro do santuário do templo.²⁵

Hoje, apesar da impossibilidade de escavações no local,²⁶ Kaufman tem mais de cinquenta evidências arqueológicas, além das evidências literárias de Josefo e da Mishná, para apoiar a sua teoria.²⁷ Não devem existir muitas dúvidas quanto ao lugar certo para a reconstrução do templo.

5. Acesso e permissão para construir

Devido à situação política de hoje, é duvidoso que haja uma solução pacífica para esta dificuldade. Por outro lado, se a posição correta do templo está 100 metros ao norte da Cúpula da Rocha, há espaço suficiente para sua construção, sem que o edifício muçulmano seja demolido.

²³Em 1981, o presente autor estava no Jardim do Getsêmani, tirando uma foto do Portão Dourado, quando observou que a Cúpula da Rocha estava a mais de 100 metros ao sul daquele ponto! Após reflexão, concluiu que 1) ou o Portão não era o portão original que dava entrada à área do templo ou 2) o templo não estava localizado na posição da Cúpula da Rocha. Posteriormente descobriu que a identificação do Portão Dourado com a posição (a estrutura atual é de um tempo mais recente) do portão original foi confirmada por uma descoberta da parte de James Fleming, em 1969, e publicada por ele no artigo “The Undiscovered Gate Beneath Jerusalem’s Golden Gate”, Biblical Archaeology Review (janeiro/fevereiro de 1(83): 24-37.

²⁴Middot 2.4 (com 1.3).

²⁵O presente autor descobriu que este alinhamento inclui não somente o Portão Dourado e o lugar aqui identificado para o Santo dos Santos como também o lugar (tradicional) da ascensão de Cristo no Monte das Oliveiras, o Jardim do Getsêmani no Vale Kidron (Cedrom) e o Gólgota na Igreja do Santo Sepulcro. Numa foto aérea de Jerusalém uma régua ligaria perfeitamente os cinco pontos!

²⁶Veja o apêndice no final deste artigo.

²⁷Asher S. Kaufman, “New Light upon Zion: The Plan and Precise Location of the Second Temple”, Ariel (Nº 43, 1977): 62-99.

É evidente que esta solução não será do agrado nem dos judeus nem dos muçulmanos, mas, sem tentar proferir uma profecia (como Amós, “não sou profeta, nem filho de profeta”!), quero sugerir que é exatamente o tipo de solução que o anticristo poderá dar para firmar um pacto com Israel e “resolver” o conflito árabe/israelense (Dn 9.27). Simplesmente não podemos saber como Deus preparará o caminho para a reconstrução do templo, mas se for uma coisa dos anos vindouros, a remoção da Cúpula da Rocha não é essencial.

6. A idoneidade da presente geração

É um tanto difícil argumentar sobre este ponto, uma vez que só Deus é juiz destas coisas. No tempo do tabernáculo, só duas pessoas de toda a congregação de Israel foram consideradas idôneas para entrarem na Terra Prometida. O profeta Zaqueias foi informado de que o pecador Josué foi “um tição tirado do fogo”, escolhido para ser o sumo sacerdote durante a construção do templo de Zorobabel (Zc 3). Se a presente geração é digna desta honra ou não, só Deus pode dizer. A profecia de Ezequiel (caps. 36 e 37, esp. 36.25) indica que Israel será restaurado à terra na incredulidade (“ossos secos”) e só então será restaurado espiritualmente por um ato divino (“e o espírito entrou neles”; 37.10). Depois disto, Deus promete: “... e porei o meu santuário no meio deles para sempre” (37.26).

7. A reinstituição de sacrifícios

A resistência da parte de muitos evangélicos à ideia da restauração dos sacrifícios no futuro (baseado em Ez 43.18—46.24; esp. 45.22) é resultado ele uma concepção errada do seu papel no passado. Nunca os sacrifícios tiraram o pecado de alguém (Hb 10.4-14); apenas serviram como cobertura, até que fosse revelado “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1.29).

Assim, a reinstituição dos sacrifícios também não terá eficácia na remoção dos pecados. Somente o sangue derramado de Jesus, o Messias, pode fazer isto. Todavia, da mesma forma como nossa celebração da Ceia do Senhor é um memorial da morte de Cristo (e não uma nova oferta dele cada vez que a celebramos, como ensinam os católicos), assim também os sacrifícios futuros terão o mesmo valor como memorial da morte do Supremo Sacrifício no passado.²⁸

²⁸Veja, p. ex., a explicação de Charles C. Ryrie, *A Bíblia Anotada* (São Paulo: Mundo Cristão, 1991) 1066.

Entre judeus há debates semelhantes:

Judeus conservadores e “esclarecidos” [ficam] embaraçados com a ideia de sangue e incenso como parte do culto religioso e estão ainda debatendo se devem manter a referência aos sacrifícios no Livro de Orações com as palavras *ve’sham na áse* (e lá faremos), algo que um dia queremos ver restaurado, ou com as palavras *ve’sham asu* (e lá faziam), como uma lembrança daquilo que se fazia no passado.²⁹

Conclusão

Davi escreveu: “Uma causa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor, e meditar no seu templo” (Sl 27.4).

O famoso rabino Maimónides (1135-1204) determinou quatro eventos que deverão caracterizar os últimos dias: 1) a volta dos judeus para a terra de Israel, 2) o estabelecimento de um rei da casa de Davi (o NT diria “um Rei”), 3) o extermínio dos amalequitas (os inimigos de Israel), e 4) a reconstrução do templo. Hoje, provavelmente, a maioria dos judeus concordará com as palavras do Rabino Peli: “Mesmo que esta seja a ordem ideal dos eventos, os eventos em si não são necessariamente interdependentes, e nossa responsabilidade é cumprir aquele que for possível a qualquer momento.”³⁰

Será isto em nossos dias?

Apêndice

Hoje, a escavação arqueológica é politicamente impossível, devido à situação do conflito árabe/israelense e à presença das mesquitas e outros monumentos muçulmanos no local. Por isso, a pesquisa está limitada à observação de vestígios na superfície e às fontes literárias. Em várias ocasiões este autor foi proibido de tirar fotos dos elementos aqui descritos e uma vez foi expulso pelo Waqf,³¹ por tentar medir uma pedra visível na superfície.

²⁹Peli, op. cit.

³⁰Idem.

³¹O Concílio Religioso Muçulmano.

O problema atual teve origem no decreto do General Moshe Dayan, logo após a vitória israelense na Guerra de Seis Dias, em junho de 1967. Presumivelmente para evitar uma “Guerra Santa” (jihad) com os árabes, ele reinstituiu a autoridade religiosa muçulmana sobre o Haram el Sharif (o antigo Monte do templo) e proibiu a oração pública de judeus no local. Judeus ortodoxos também são proibidos de entrar pelo rabinato, devido ao perigo de pisarem em alguma área santa, mas esta ordem não é aceita por todos.

Um destes grupos ortodoxos, “The temple mount faithful” [Os fiéis do monte do templo], abriu um processo judicial no Supremo Tribunal de Israel, em junho de 1991. Citando inúmeros casos documentados³² e uma destruição progressiva das antiguidades pelas autoridades muçulmanas, este grupo está tentando forçar o governo de Israel a assumir a responsabilidade de proteger este patrimônio nacional. Está exigindo uma pesquisa científica de toda a área, para identificar e medir todas as antiguidades. Um dos advogados preparou um excelente resumo das leis que regem o caso.³³



Randall K. Cook

Sobre o autor

Foi o consultor de geografia e de arqueologia da comissão de tradução da Nova Versão Internacional e trabalhou na tradução de alguns livros históricos do Antigo Testamento da NVI. É mestre em teologia pelo Regular Baptist Seminary, EUA. Filho de missionários americanos no Brasil, dedicou-se ao estudo do hebraico e da arqueologia. Viveu muitos anos em Israel, onde especializou-se na história, geografia e arqueologia da Terra Santa. Lecionou por muitos anos no Seminário Batista Regular de São Paulo, SP. Além de ter lecionado em Israel por vários anos, atualmente é professor da área bíblica do Masters College, Califórnia, EUA, onde reside.

³²Ver, p. ex., o editorial “Ancient Remains on the Temple Mount Must Not Be Destroyed”, Biblical Archaeology Review (março/abril de 1983): 60, 61.

³³Stephen J. Adler, “The Temple Mount in Court”, Biblical Archaeology Review (setembro/outubro de 1991): 60-68, 72.

Duas diásporas e duas voltas

Frans Leonard Schalkwijk



Pessoalmente creio que a volta atual dos judeus à terra de Israel é um cumprimento da promessa de Deus.¹ Mas será que é bíblico pensar assim? Pois não será que todas essas promessas sobre o retorno já se cumpriram na volta do exílio babilônico? E não é a conversão de Israel a condição da sua volta? Assim já ouvi pelo menos sete perguntas críticas que pesam na balança contra uma segunda volta dos judeus para sua terra como cumprimento da promessa de Deus. Vamos ouvir com muita atenção essas objeções fraternais (quatro bíblicas e três práticas) para não errar na interpretação e no ensino fiel da Palavra de Deus (2Tm 2.15).

1. Cumprimento realizado

A primeira objeção tem peso histórico muito grande: a volta atual não pode ser o cumprimento da promessa divina, pois essas promessas já se cumpriram na volta do exílio babilônico, em 539 a.C. Vamos então reler umas promessas de volta e perceberemos que todas são muito semelhantes, mas umas se encaixam mais no

¹Cf. meu texto anterior, “Israel voltando para casa”, em: <https://teologiabrasileira.com.br/israel-voltando-para-casa/>.

dia de hoje do que no primeiro retorno. De fato, há semelhanças e diferenças entre a volta da diáspora babilônica depois daqueles 70 anos preditos por Jeremias 29.10 e a volta atual da diáspora romana, que depois do ano 70 durou mais de 19 séculos. A diferença principal está no seu volume. Pensando nas promessas como estrelas (Gn 15.5), há promessas que são como uma estrela maior ou, quem sabe, podíamos dizer que há promessas que são como uma “estrela dupla”, uma menor na frente com uma maior atrás. Sem telescópio mal dá para ver que é uma estrela dupla.² A volta da diáspora babilônica é relativamente pequena, contada em milhares (Ed 2.64), mas a volta da diáspora romana é enorme, pelo menos duas vezes maior.³ Vamos focalizar alguns aspectos das promessas sobre a volta e seu cumprimento.

De onde voltam? No ano 539 a.C., os judeus vieram basicamente da Mesopotâmia e da Pérsia, então do nordeste de Canaã. Mas já uns vinte anos depois daquela volta, o Senhor falou de novo, desta vez por meio do profeta Zacarias: “Salvarei meu povo, tirando-o da terra do oriente e da terra do ocidente” (8.7). E na profecia de Isaías 43.5-6 o âmbito geográfico é ainda muito maior: “Trazei meus filhos de longe, e as minhas filhas das extremidades da terra”. Em 539 a.C. eles vieram do nordeste. Mas, atualmente, vieram do norte e do sul, do leste e do oeste, da Rússia e da África do Sul, da Índia e de Marrocos, das Américas e da Austrália; agora, de mais de cem países, quase do mundo inteiro. Mas alguém perguntaria: “Este seria realmente a volta prometida?” E a resposta podia ser formulada em outras perguntas: “Não são os que voltam judeus?” “E não estão voltando para Israel?” De qualquer forma é uma volta. Mas, por cima, não há atualmente um fenômeno interessante complementar? Pois cristãos estão ajudando nesta alia,⁴ como a organização “Operação Éxodo” com muitos cooperadores

²Lembre-se também que, às vezes, as promessas de Deus são mais ricas do que pensamos e, às vezes, se cumprem por enquanto parcialmente ou em etapas. Assim, na sinagoga de Nazaré, o Senhor Jesus leu a promessa em Isaías sobre o ministério do Mессias, mas Ele parou no meio da frase pois não tinha chegado ainda a hora do juízo final (Lc 4.19).

³Imigração na Terra Santa: em milhares: 539 a.C.: 42.000 (Ed 2.64); 1948 A.D.: 101.000; 1949: 239.000; 1950: 170.000. Veja <https://www.jewishvirtuallibrary.org/latest-population-statistics-for-israel>.

⁴Alija significa subir para Jerusalém.

voluntários de várias nacionalidades, como Isaías já tinha profetizado (49.22).⁵ E mais: Jeremias enfatizou que viriam da “terra do Norte” (16.15). Há um capítulo exatamente ao norte de Jerusalém, Moscou. É que a gigante Rússia abrigava mais de dois milhões de judeus, mas a emigração começou somente depois da implosão da União Soviética (1991). Stalin tinha criado uma nova pátria judaica, Birobidshan, no extremo oriente da Sibéria na fronteira com a China (1928). Era uma região autônoma (oblast) de confissão religiosa ateísta, mas na bandeira tinha um candelabro estilizado; e, depois do russo, a língua oficial era yiddish, um dialeto judeu-alemão da Europa oriental escrito com letras hebraicas. Agora, depois de 1991, a maioria emigrou para América ou Israel onde 15% da população fala russo.

De fato, a volta do exílio romano é como a volta do exílio babilônica, porém agora em escala mundial e, como profetizado, especialmente do Norte e ainda por cima com a ajuda de estrangeiros. Três coincidências?

Quem está voltando? É nossa segunda pergunta. Como na volta da Babilônia, é o “restante” que está voltando agora, inclusive aleijados e mulheres grávidas (Jr 31.7-8). Há ainda mais um paralelo, sinistro, entre as duas voltas do “restante”, pois uns sessenta anos depois do primeiro regresso houve uma tentativa frustrada de Esaú de genocídio do “restante” de Jacó no império persa (Ester, 480 a.C.). Outro paralelo amargo são as lágrimas do “restante” pois desta vez havia muito mais choro ainda de Raquel e das mães de Israel pelos seus filhos, pois “já não existem” (Jr 31.15-17). É que na Europa havia nove milhões de judeus, porém dois terços deles foram mortos (dos quais 1,5 milhão de crianças) naquele Holocausto satânico. E não somente na Alemanha, pois quando os nazistas invadiram a União Soviética, em dois dias mataram em Kiev, capital da Ucrânia, mais de 30.000 judeus (1941, Babi Yar). Mortos, e não somente pelos nazistas. Naquele mesmo ano, quase 800 judeus conseguiram fugir da Romênia num velho cargueiro de gado, o Struma, com destino a Palestina. Mas a Inglaterra, que governava aquele mandatório, recusou a entrada. Refugiou-se no porto de Istanbul. Quando, depois de uns dias, ficou claro que a Inglaterra não permitiria mesmo a entrada num porto da terra prometida, o Struma foi puxado para alto mar e

⁵Cf. Ebenezer — Operation Exodus: <https://ebenezer-oe.org/pt-br/>; Christians for Israel International: <https://www.c4israel.org/>.

no dia seguinte torpedeado pelo submarino russo Shch-213. Houve apenas um sobrevivente.⁶ A Inglaterra recusou a muito mais sobreviventes do Holocausto a entrada na Palestina,⁷ devolveu o mandato às Nações Unidas (1947) e definhou como potência mundial (cf. Is 60.12).

De fato, há muitos paralelos, entre o “restante” das duas voltas, mas também diferenças: mais gente, mais lágrimas.

Sobreviver como? Uma terceira comparação entre as duas voltas pode ser como os imigrantes sobreviveram depois da chegada em Canaã. Sem dúvida, nos dois casos, era basicamente pela agricultura. Mas havia diferenças. Depois da Babilônia, a terra ainda não tinha se tornado em deserto, pois outros pequenos grupos étnicos tinham imigrado para lá e a agricultura voltou a produzir bem. Mas depois daquele longo exílio romano, a terra tinha se tornado um deserto ou pantanais infestados de mosquitos com malária e febre amarela. Assim, todos os viajantes do século 19, como Mark Twain, observaram: a Palestina é um deserto (1867). Mas os judeus, desta vez voltando depois de mais de 40 gerações, compraram essas terras e os antigos donos (que moravam em Beirute, Damasco, etc.) riram, pois conseguiram um bom dinheiro por terrenos que não valiam nada. Mas como trabalharam esses donos “novos”! E foi interessante que muitos jovens de outras nações vieram ajudá-los! Interessante, sim, mas assim se cumpriu outra profecia de Isaías que estrangeiros trabalhariam nas lavouras e vinhedos (61.5).

De fato, a “segunda volta” é como a volta de Babilônia pois são judeus que precisam trabalhar para sobreviver, mas é diferente pois ocorre em escala mundial e com ajuda mundial como profetizado.

Morar onde? Uma outra pergunta básica que imigrantes enfrentam é onde morar. E, de novo, há muita semelhança entre as duas voltas, simplesmente porque estes judeus eram pessoas com as mesmas necessidades básicas. Só que na segunda volta em escala maior, e encontramos até profecias complementares a respeito deste assunto. Assim Isaías diz 61.4, diz: “Edificarão os lugares antigamente assolados [...] e as cidades arruinadas...”. Assim, hoje, diferente do que ocorreu no Egito, em Israel há muitas cidades novas nos lugares, e com nomes antigos: Berseba, Lachis, Bete-Seã, etc., reconstruídas (sempre depois de pesquisas arqueológicas).

⁶Veja https://en.wikipedia.org/wiki/MV_Struma.

⁷Leon Uris, *Exodus* (Rio de Janeiro: Record, 2018).

E Sofonias profetizou especificamente sobre uma parte da região dos filisteus: “O litoral pertencerá aos restantes da casa de Judá; nele apascentarão os seus rebanhos, e à tarde se deitarão nas casas de Ascalom...” (2.7). Hoje, Ascalom, reconstruída por judeus sul-africanos (1951), é uma cidade moderna de uns dez quilômetros, ao norte da faixa de Gaza, com esse mesmo versículo bíblico afirma.

De fato, essa segunda volta é como a volta de Babilônia, somente em escala mundial e, às vezes, com alguma profecia complementar, como esta sobre Ascalom.

Nação forte? Refugiados que, depois de anos, voltam para casa, encontram pessoas que ocuparam o espaço vazio e que, de repente, se tornam seus piores inimigos. Por isso precisam se organizar bem para poder sobreviver. Mas, estando dentro do plano de Deus, eles podem ter certeza que o Fiel os ajudará. Uma profecia de Miqueias 4.6-7 trata especialmente deste problema dos inimigos. E, na primeira volta, o Senhor cumpriu sua promessa quando o árabe Gesém e seus companheiros resistiram ao governador Neemias (Ne 2.9). Mas a mesma promessa valeu também para o que parece ser uma segunda volta prometida, pois apesar dos muitos inválidos pelos campos de concentração, Deus prometeu que os faria “uma poderosa nação”! E Deus cumpriu sua Palavra! Pois como foi um milagre que o novo Estado de Israel conseguiu vencer as guerras de extermínio que seus novos vizinhos travaram contra ele. Logo depois do país nascer, eclodiu a guerra da independência, de 1948; depois a guerra de seis dias, em 1967; outra em 1973; e as seguintes. Mas Israel sobreviveu, e hoje é uma nação forte!

A promessa entregue pelo profeta Miqueias valeu para todas essas circunstâncias adversas, tanto na primeira como na segunda volta. E somente nesta última, em escala cem vezes maior e perigosa!

Todos nós já sabíamos da história, que, de fato, há duas diásporas, a babilônica e a romana. Pessoalmente creio que podemos também distinguir duas voltas e reconhecer essa última também como cumprimento das profecias naquela “estrela dupla”. Como acabamos de ver, em cinco áreas há paralelos claros, mas também “coincidências complementares”⁸ nas profecias mencionadas que apontam nesta direção.

A grande pergunta honesta e fraterna permanece: “será que a volta atual dos judeus à terra de Israel de fato é um cumprimento da promessa de Deus?” No primeiro ponto procuramos responder à objeção que todas essas promessas sobre

⁸Co-incident? God-incident!

o retorno dos judeus já se cumpriram na volta do exílio babilônico. Mas há pelo menos mais seis réplicas que pesam na balança contra uma segunda volta como cumprimento da promessa de Deus.

2. Condição

Na primeira objeção, a do cumprimento realizado, podíamos apontar para as diferenças óbvias entre as duas voltas, mas na segunda objeção a resposta talvez seja mais difícil: não é que Deus estipulou uma condição? Não é que o SENHOR prometeu esse retorno à terra somente depois do retorno a Deus (Dt 30.1-6)? Estão voltando, mas será que já se converteram? Hoje em dia talvez somente 1,5% da população é judeu messiânico. Pensando neste ponto crucial temos de concluir: sim, estão voltando, mas praticamente sem conversão.

Que os judeus estão voltando para a terra prometida não há dúvida, pois desde 1900 este é um simples fato histórico e, se não, nem existiria um Estado de Israel. Então, há duas opções: ou é uma “volta carnal”, sem a bênção do Eterno, ou é pela graça imerecida de Deus. Pessoalmente creio que esta volta é um milagre da graça pelo sopro do Espírito Santo, numa certa altura da história geral. Pois quando é que o jornalista Theodor Herzl tocou a trombeta? Não foi um pouco antes do ano 1900?⁹ Será que foi como por um sopro do Espírito Santo? Se for, de certo a igreja de Cristo também percebeu esse sopro, pois quando o vento sopra, todo o mundo nota. Será que a igreja percebeu algo desse sopro? Será que a ordem cronológica neste sopro seria também: primeiramente o judeu, depois o grego? Parece que sim, pois um pouco depois de 1900 nasceu entre os crentes gentílicos o movimento pentecostal, e começou uma campanha de evangelização que, apesar de problemas, se provou ter sido a maior depois de Pentecoste (como o historiador Mark Noll observou). Pessoas simples, mas que tinham estado com Jesus (At 4.13)! Alguém poderia dizer: “Pura coincidência”. Mas eu acredito que a volta da diáspora romana é um milagre da graça e um milagre profetizado. Pois em Ezequiel 37 a sequência do cumprimento é: primeiro, a reunião dos ossos secos — antes da conversão.

Agora, sem dúvida, um reviver espiritual entre os judeus poderia acontecer em qualquer lugar da vasta diáspora existente, como ocorre também entre os

⁹Der Judenstaat, 1896.

gentios. Mas nessa profecia específica há um ponto centripetal, a terra de Israel (Ez 37.12). Neste caso, o juntar dos ossos em Israel é algo preparatório. E o que seria esse juntar dos ossos outro do que juntar judeus para ser um povo, uma comunidade organizada, provavelmente um estado, para poder sobreviver como um povo tão perseguido. Na entrada do Yad vaShem, o memorial do Holocausto em Jerusalém, se encontra gravado o versículo 14, revelando o que seus diretores judeus acreditam sobre a volta atual: “Porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos estabelecerei na vossa própria terra”.¹⁰

3. Silêncio do Novo Testamento

Além da objeção que falta conversão e por isso a volta a Israel não pode ser o cumprimento da profecia, ainda há o problema aparente do quase silêncio total do Novo Testamento sobre a restauração de Israel. E, pensando bem, a ausência significativa de algo tão importante pode ser uma prova indireta que estamos na pista errada. E talvez seja por causa deste silêncio que muitos crentes pensam que a maioria das promessas do Tanach devam ser espiritualizadas.

Antes de chegar à essa conclusão devíamos nos lembrar do contexto. Sabemos que, nascidos e criados judeus, para o Senhor Jesus e seus discípulos, as promessas no Antigo Testamento, inclusive sobre a volta da diáspora, eram tão certas, transparentes, subentendidas e concretas que ninguém estranhou a pergunta: “Será este o tempo em que restaurarás o reino a Israel?” (At 1.6). Depois da resposta clara e negativa do seu próprio Rei (parafraseando: “Agora não! Nem chronos nem kairos!”), a ordem positiva para esta nova época da graça era muito clara: agora é evangelizar o mundo inteiro!

Mas em si, o fato de ter poucas referências não invalida essas poucas. Ouçamos então as poucas palavras do próprio Senhor Jesus e do seu apóstolo Paulo sobre o assunto. A mais conhecida talvez seja o “até” no sermão escatológico do Senhor Jesus em Lucas 21.24 sobre Jerusalém: “Cairão ao fio da espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”.

¹⁰Yad vaShem email (Jerusalem, 18/9/22): further to your query, yes, the quotation is from the book of Ezekiel, Chapter 37, verse 14: “And I shall put my spirit in you, and you shall live, and I shall place you in your own land.”

A pequena palavra “até” é como uma fronteira: sempre tem dois lados, o para cá e o para lá. Assim também em Lucas. “Para lá” uma esperança desconhecida ainda, mas “para cá” uma advertência demorada de tom severo, que nos faz pensar na “medida dos pecados” dos povos gentílicos, que está se enchendo (Gn 15.16). E de alguma forma a história de Jerusalém está conectada com esse medidor, indicando o prazo da paciência de Deus com os gentios, incluindo as ameaças e ataques deles contra seu povo e seu país. Mas o que acontecerá com Jerusalém depois dos tempos dos gentios?

Para isto vamos ler o outro “até” conhecido sobre este assunto: Romanos 11.25-26: “Endurecimento veio em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios. E assim todo o Israel será salvo”. Como o Senhor Jesus, também Paulo fala sobre dois grupos étnicos: é um “até” promissor e alertador tanto para judeus como para não-judeus. Aponta para um futuro certo, mas de data aberta, o final da época da graça para os gentios, quando a porta da arca da salvação será fechada. E para os judeus é uma preparação para seu reavivamento, e ao mesmo tempo, uma última chamada clara para os outros povos.

Anualmente, judeus diziam no final da mesa pascoal: “No próximo ano em Jerusalém.” Era como uma oração pelo cumprimento das promessas no Antigo Testamento sobre a volta: “Até quando, Senhor?” Na sua palavra de despedida, na última mesa pascoal com seus discípulos, o Senhor Jesus não disse: “No próximo ano em Jerusalém”, mas deu outra indicação temporal no seu último “até”: “Desta hora em diante não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai” (Mt 26.29-30). E tendo cantado um hino saíram para o Monte das Oliveiras de onde partiria em breve, depois da morte e ressurreição, e onde os seus pés estarão de novo numa outra plenitude do tempo (Zc 14.4).

Há ainda outro trecho onde o Senhor Jesus fala sobre o futuro de Israel. Na “Revelação de Jesus Cristo”, no capítulo 7, Jesus nos mostrou os selados de “todas as tribos dos filhos de Israel” diferenciando-os da “grande multidão [...] de todas as nações, tribos, povos e línguas” (Ap 1.1; 7.4-10). Mas ambos os grupos foram salvos pela graça, pela fé no Cordeiro de Deus! É como o cumprimento da promessa apontada pelo apóstolo Paulo em Isaías sobre o remanescente de Israel que será salvo depois da plenitude dos gentios (Rm 9.27; 11.25).

Diante destas referências, o pequeno Novo Testamento não parece tão silencioso sobre esse assunto como comumente se pensa. E mais, onde ele fala, as palavras

sempre estão em harmonia com as promessas do vasto Antigo Testamento, aguardando uma restauração espiritual de Israel, inclusive daquilo que vem antes disso. Entre nós, não há dúvida sobre o acordar espiritual de Israel no fim dos tempos. A única diferença entre irmãos reformados talvez seja que uns estão pensando logo na fase final e outros também, mais sobre as várias etapas anteriores.

4. Tiago

Um quarto argumento bíblico forte contra a ideia de uma volta prometida seria sobre uma hermenêutica específica: como o apóstolo Tiago interpretou Amós 9.11-12 sobre a reconstrução do tabernáculo de Davi como se referindo à entrada dos gentios na igreja (At 15.15-18). O assunto naquele concílio apostólico era a posição dos crentes gentílicos entrando numa igreja cristã composta de crentes judeus. A decisão da assembleia deixou claro que crentes-das-nações não precisam se transformar em judeus (pela circuncisão e lei ceremonial). Mas, por outro lado, ficou subentendido também que judeus não se tornam “gentios” quando vêm a Jesus, permanecendo judeus etnicamente. Ao mesmo tempo, embora cada grupo pudesse preservar suas características étnicas, Deus requer de todos uma etnicidade santificada (Ap 21.24; Is 24.16). E todos esses crentes são irmãos no Messias! Numa família, irmãos são diferentes, cada um com seus próprios traços típicos. Por isso, judeus, sendo judeus, deviam se circuncidá como Paulo fez com Timóteo por pertencer a esse povo específico. Tito não, pois era grego (At 16.3; Gl 2.3). Sem dúvida, a circuncisão não garante salvação (Rm 2.29), mas é um privilégio pertencer àquele povo com suas promessas, alianças e sofrimentos especiais (Rm 9.4). E esse povo judeu ainda é um povo, também depois da rejeição do Messias e, melhor ainda, ainda é seu povo (Rm 11.2). Assim, eles sofrem também como povo, pois apesar de serem holandeses, nossos vizinhos foram obrigados a usarem uma estrela de Davi (Jood) e desapareceram num campo de concentração nazista. Mas, por incrível que pareça, existem ainda como povo, descendentes de Abraão, Isaque e Jacó e por isso ainda sob a promessa segura do Fiel, o Deus da Aliança. Pois Deus é fiel e não rejeitou seu povo. Outros povos antigos já desapareceram há séculos, mas Israel não. Depois de 2700 anos, os “filhos de Manassés” voltando de Assam recentemente, ainda sabem que são Bnei Menashe.

Pelo que entendo, a interpretação de Tiago tratou, positiva e explicitamente, da posição dos crentes-não-judeus na igreja do Messias judeu, abrindo 100%

de espaço para eles, mas, ao mesmo tempo, negativo e subentendidamente, não aboliu a etnicidade dos membros judeus, nem declarou inválidas as promessas específicas.

5. Números

Ainda há pelo menos três argumentos práticos que colocam em dúvida que o que está ocorrendo seria uma volta prometida. Assim um argumento aponta para os números: tem poucos judeus na terra. E, de fato, há ainda pelo menos duas vezes mais judeus na Diáspora do que em Israel.¹¹ Sim, mas isto não desqualifica nem nulifica a realidade da volta atual. Parece que também neste ponto a história se repete. Quantos voltaram do exílio babilônico? Sem dúvida muitos (Ed 2.64), mas, por outro lado, muito mais nem queriam voltar pois estavam tão acomodados nos seus cantinhos de descendentes de refugiados. Mas sessenta anos depois da volta dos seus pais, na época da rainha Ester, um edicto ameaçou com extermínio todos esses judeus no vasto império persa, dando a impressão que realmente havia muitos deles em muitos lugares (Et 3.13; 8.13). A arqueologia conhece até uma “Cidade-al-Yehuda” na Mesopotâmia,¹² e outro grupo da tribo de Manassés chegou até o leste da Índia. A diáspora existente antes de 70 d.C. era vasta mesmo (At 2.11) e muitos nem queriam voltar a não ser para morrer e ser enterrados na Judeia, causando um número grande de viúvas na Terra Santa (At 6.1).

De fato, também neste ponto a história se repete: agora nem todos voltam, mas um bom grupo representativo se faz presente na terra prometida. Hoje em dia a volta se acelera de novo, e especialmente do “país do Norte”, mencionado tantas vezes nas profecias (ex. Jr 16.15). Sem falar dos milhares de refugiados da Ucrânia, somente neste ano (até 08/2022) mais do que 20.000 judeus migraram da Rússia para Israel,¹³ causando inclusive tensões diplomáticas entre os dois países, porque muitos destes olim são cientistas. E dentro da própria Rússia as perguntas sobre a guerra contra a Ucrânia estão aumentando, motivo de aliyah também do crítico rabino-mór de Moscou, que seria preso se abrisse a boca.

¹¹Dos 15,2 de milhões de judeus no mundo, somente 46% mora em Israel. Veja <https://www.jewishvirtuallibrary.org/latest-population-statistics-for-israel>.

¹²Veja https://en.wikipedia.org/wiki/Al-Yahudu_Tablets.

¹³Restando talvez uns 600.000.

Em 1948, na hora do nascimento do Estado de Israel, havia umas 800.000 pessoas. Agora, a população chega a 9,5 milhão, e a estimativa é que no centenário aumentará para 15,2 milhão. Entre eles, atualmente há uns 120.000 judeus messiânicos, mormente entre os jovens. Números falam também.

6. Ameaça

Como se fosse algo que contradiria o cumprimento da promessa da volta, há também o argumento prático que ainda hoje a própria existência de Israel — e de Jerusalém como uma cidade judaica independente — está sob ameaça. E é verdade, mas isto não desclassifica o retorno atual como uma “volta prometida”. Ao contrário, parece muito mais como uma confirmação, pois na história da salvação, muitas vezes o diabo logo se mexe com uma boa margem de segurança para ele, como na matança dos meninos abaixo de 2 anos em Belém. E o Senhor mandou um dos profetas pós-exílicos avisar que finalmente, não somente árabes, mas nações unidas subirão contra Jerusalém (Zc 14.2). Mordente, depois de 1967, o antisemitismo e seu sinônimo antissionismo estão aumentando por todo o mundo e rapidamente. Há até cristãos que apoiam e propagam a política BDS contra Israel, como um deão do Instituto Bíblico em Belém e Nazaré.¹⁴ Ameaças contra a menina dos olhos de Deus (Zc 2.8) não negam a realidade de uma “volta prometida” atual, ao contrário, parecem confirmá-la.

7. Fatos históricos

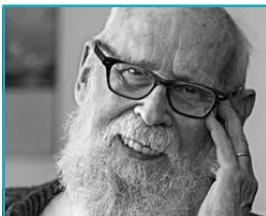
Finalmente um outro tipo de objeção prática fraternal séria: “Como se pode interpretar e concluir algo a partir dos eventos atuais?”. Concordo que isso parece pretencioso e arriscado, no mínimo. Mas quando tantos irmãos têm a mesma impressão faria alguma diferença? E será que no tempo do Senhor Jesus, não era exatamente um dos problemas dos líderes de Israel o não poder/querer reconhecer, nos seus próprios dias, o cumprimento das promessas, e por isso não querer/poder reconhecer a Jesus como o Messias? A começar com os sábios interrogados por Herodes sobre Belém. Será que, 30 anos depois, todos já morreram ou ninguém se lembrou daquela visita alvoroçadora dos magos e daquele holocausto

¹⁴BDS = Boycot, Desinvestment, Sanction. Rev. Dr. Johanan Katanacho, *The Land of Christ: A Palestinian Cry* (Eugene: Pickwick, 2013).

regional consequente? Ninguém, menos uns, como Nicodemos, que prestaram atenção aos fatos evidentes, e daí chegaram a uma conclusão de crente (Jo 3.2). É isso que aconteceu com os discípulos depois da ressurreição: eles já eram cren-tes, mas por causa dos fatos históricos se fortaleceu sua fé e creram na promessa de Jesus (Jo 2.22). Concordo cem porcento com a advertência que temos de ter muito cuidado para não errar e seguir falsos profetas. Por outro lado, atalaias não podem fechar os olhos para o progresso na história mundial. A meu ver, o assunto é tão importante que quase precisamos de um capítulo de “Israelologia” no *locus* da eclesiologia e/ou da escatologia.

Numa noite imaginária dois atalaias estavam conversando: “O que foi que ouvimos? Será que me enganei, colega? Que horas são? Será que eu estava co-chilando um pouco? Você ouviu também alguma coisa? Parece que meu relógio parou! É cedo ainda? Vamos prestar atenção. Pois que som estranho era esse? Será que era o toque de um shofar?”

Se for assim, aplica-se o que o Senhor Jesus disse: Lembre-se da figueira, pois quando “seus ramos se renovam [...] sabeis que está próximo o verão” (Mc 13.28). Podemos chorar por não entender o livro da história (Ap 5). Mas vamos aguardar atenciosamente como o Senhor da história vai guiar tudo. E uma coisa está certa: Venceu o Cordeiro nosso! Vamos segui-lo!¹⁵ Maranata!



Frans Leonard Schalkwijk

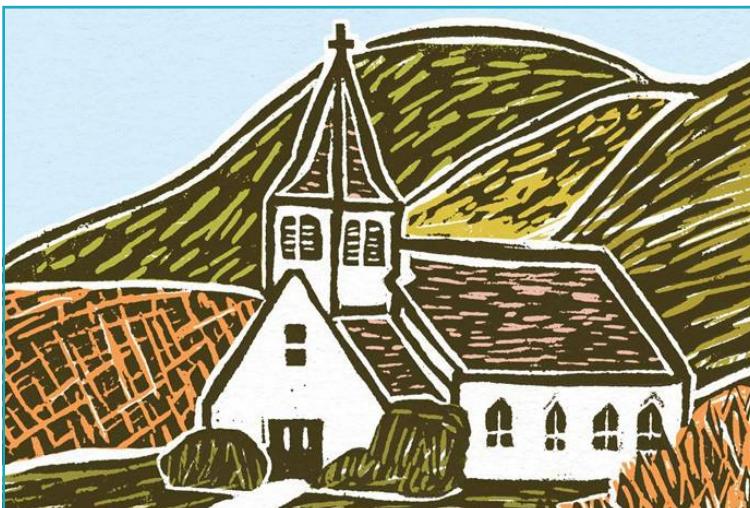
Sobre o autor

É presbítero docente (ministro da Palavra) da Protestant Church of the Netherlands (Igreja Protestante da Holanda), doutor em História e autor de, entre outros, *Igreja e Estado no Brasil Holandês*.

¹⁵Ou: ‘Vicit Agnus noster! Eum sequamur!’ — o lema da Igreja Moraviana.

A cura da alma: cultivando hábitos espirituais e pastorais saudáveis

Juan de Paula



Qual a natureza do ministério pastoral? Como o ministro do evangelho se mantém espiritualmente saudável em meio a tantas demandas internas e externas? São essas questões que o Dr. Harold L. Senkbeil pretende responder em seu lançamento de 2019, *The care of souls: cultivating a pastor's heart* [A cura da alma: cultivando um coração de pastor], que tomou proporções editoriais significativas na área de liderança pastoral.

O Dr. Harold L. Senkbeil é B.A, M.Div. e S.T.M pelo Concordia Theological Seminary em Fort Wayne, Indiana e Doutor Honoris Causa pelo Concordia Seminary em Saint Louis, Missouri. Foi pároco da Lutheran Church of Missouri Synod (LCMS) durante vários anos e hoje ocupa ambas as funções de professor adjunto no CTS em Fort Wayne e diretor executivo do Doxology.

O autor começa o livro em um tom nostálgico (o qual ele admite mais a frente no final do livro) narrando a sua infância em uma fazenda do oeste norte-americano. Logo no prefácio, ele apresenta as suas intenções a respeito de seu escrito: “Este é o segredo para o trabalho pastoral sustentável: você precisa perceber que não tem nada a dar aos outros que você mesmo não recebeu. Jesus o ama primeiro, então

você o ama de volta amando suas ovelhas e cordeiros em seu nome e lugar.” (p. 169-170). Salientando que o ministério pastoral é um ministério de amor, ou seja, o cuidado com as ovelhas do Senhor Jesus quebradas pelo pecado.

Aos seus longos 50 anos de ministério, Senkbeil afirma que:

“O melhor que nós pastores temos para dar às ovelhas e cordeiros de Cristo não vem de dentro; vem dele. Seu amor é aperfeiçoado por meio de nós; atinge seu objetivo quando estendemos o amor que recebemos dele. Nós amamos porque ele nos amou pela primeira vez (1Jo 4.11; 19)” (p. 180) e sobre a relação entre conhecimento e vida, afirma que “a ciência da teologia é a arte do cuidado pastoral” (p. 2).

Temas como paciência e a alegria no trabalho, metáforas das quais o autor tira de sua observação na infância em relação ao trabalho de seu pai, são transportadas como uma precisa analogia em relação às virtudes do ministério pastoral e o trabalho do cuidado com as almas.

No primeiro capítulo, o autor questiona o que vem a ser um pastor. Sendo o título, uma pergunta retórica, já que o subtítulo do capítulo é um adjetivo: um modelo clássico. O questionamento faz todo sentido pela imagem errônea que se tem do pastor como um CEO empresarial ou executivo, um coach profissional, um capelão ou missionário?

O autor salienta que há muita sabedoria na antiguidade cristã, a respeito da essência e natureza do trabalho pastoral, a exemplo do teólogo metodista, Thomas Oden, que procurou trazer a sabedoria dos antigos bispos da Igreja para a demanda moderna do ministério pastoral. Para o autor, o trabalho pastoral tem que ser um cuidado pastoral cristocêntrico, o mistério escondido e revelado do Deus encarnado, a cura da alma também é um mistério (p. 12). Sendo, portanto, o mistério da encarnação, o mistério do trabalho de Deus.

O que vem a ser, então, um pastor? Para o autor, “a premissa do livro é que a identidade define a atividade” (p. 16). Ele afirma que o ministério tem a sua raiz em Jesus (p. 16). O modelo clássico é baseado naquilo que a Escritura diz, não em uma meramente demanda contemporânea. Aqui temos a ideia do hábito pastoral, o pastor dar para o povo de Deus aquilo que ele mesmo recebeu do próprio Deus. Pastores são administradores do mistério de Deus (provavelmente uma referência a percepção evangélica do ministério da Palavra e dos sacramentos) e são servos de Jesus Cristo, chamados para ministrar vida no meio da morte e lavar os pés das ovelhas de Jesus com os chamados “meios do Espírito” (p. 26).

Esses “meios do Espírito” e “coisas do Espírito” são alusivos a Trindade como um modelo de identidade para o povo de Deus. No capítulo 2, Senkbeil afirma a Palavra de Deus, a norma do ministério cristão. A Palavra de Deus é o instrumento do próprio Deus, no mistério oculto-revelado, sendo a Palavra escrita um instrumento do Espírito Santo para a realização da cura da alma. Tendo, portanto, a Palavra escrita uma relação de testemunho mútuo com a Palavra encarnada que é Cristo.

O capítulo 3 disserta sobre a cura das almas como um atento diagnóstico, sendo uma das marcas do livro a analogia do cuidado físico e biológico, ou bio-químico, com o cuidado espiritual, uma vez que o autor segue a tradição bíblica e cristã da integralidade do ser criado por Deus, contra, por exemplo, os antigos gnósticos que dicotomizavam pontualmente e radicalmente corpo e alma.

Passando pelo debate sobre o efeito da tecnologia no mundo hodierno e da dicotomização entre tradicional e contemporâneo, o autor faz uma precisa definição de conceito a respeito do que vem a ser cura da alma, inclusive se tratando da definição de alma, em relação a pessoa que se relaciona com Deus, a ideia de Coram Deo [diante de Deus] (p. 65).

A percepção correta da pessoa humana conforme revelada na Palavra de Deus servirá para um preciso diagnóstico a respeito das enfermidades espirituais que assolam as pessoas em relação a angústia, por exemplo. Importante é o como começar, não com um interrogatório, mas com uma conversa sobre as verdades de Deus, como santidade, por exemplo.

O capítulo quatro ainda aborda a cura da alma, agora com o tratamento intencional. Em diversas teses, o autor aborda a essência do ser de Deus como fundamento para o cuidado da alma como também o provedor dos meios pelos quais as almas são tratadas e curadas.

O capítulo cinco fala do ministério pastoral como um ministério de amor pelas ovelhas, o ministério do conhecimento de Jesus Cristo. O pastor deve fazer Cristo conhecido, pois é por ele que as almas são curadas. Nisso, noções teológicas evangélicas balizam o ministério, Cristo é o cordeiro de Deus dado em nosso lugar, a nossa justiça e a nossa santificação.

O capítulo seis abordará os efeitos da enfermidade espiritual, especificamente culpa e vergonha. O autor define ambos como “Culpa é o pecado cometido; vergonha é pecado sofrido.” (p. 137). Buscando a raiz disso no texto do pecado original

em Adão, o autor, se utilizando da parábola do Filho Pródigo, por exemplo, vai falar de um Pai que ama e aceita em Cristo e o chamado para pecadores aceitarem o amor do Pai em Cristo como o início do processo de cura da alma. Essa é a alma do ministério! Veja como ele argumenta: “Ele comprou aquelas ovelhas com seu próprio sangue, e ele nos deu seu rebanho para cuidar e nutrir em seu nome e lugar. Que honra humilhante; que tarefa nobre este nosso ministério é.” (p. 141-142).

Para o autor, o ministério pastoral é a medicina do céu, que transforma es- cravos em filhos, por meio do arrependimento e da confiança na justiça de Cristo. O uso da Palavra e dos sacramentos pelo Espírito Santo proporcionam o trata- mento para os vícios, por exemplo.

Então, no capítulo sete, o autor entra na questão da santificação como o processo de cura das almas. Por santificação, o autor foge de qualquer definição popularmente conhecida como “legalismo” e entra na definição de termos den- tro de sua própria tradição teológica afirmando que Deus é a nossa santificação (p. 160), sendo o ministério pastoral desafiador dentro de um contexto, por exem- plo, de exposição da sexualidade, fazendo um paralelo com a antiga cultura pagã e afirmando a castidade como uma virtude. Para o autor, questões espirituais im- pactam a vida como um todo, para o bem ou para o mal, dependendo do status, da posição, diante de Deus.

O capítulo oito aborda a importante questão da proximidade de Deus em relação a santidade. Uma vez que Deus é santo, seu povo é chamado a ser santo e o próprio Deus provê o que o povo necessita para ser santo, como Jesus dado por nós e a nossa proximidade com ele, por exemplo, no culto.

O capítulo nove aborda a questão da batalha espiritual, a questão das forças invisíveis que militam contra nós e as armas espirituais em Efésios 6. O equilíbrio de como o autor trata o tema é real, nem com exagero e banalização, nem como a negação da realidade do mal entre nós. O tratamento é a Palavra que é utilizada pelo Espírito para a transformação daqueles que a ouvem.

O capítulo dez trata da questão de missões e a relação com a cura das almas. Mesmo o pastor indo para uma terra não evangelizada, ele é chamado a ministrar para aqueles que não confessam a Cristo, pela questão da dignidade humana, são criaturas que precisam de Cristo. “Portanto, cuidar das almas não é uma opção, é um algo dado — também em missão” (p. 220). O pastor é chamado a cuidar das almas e apresentar Cristo como a cura a povos que não o conhecem.

O capítulo onze salienta a importante questão do autocuidado pastoral. O pastor atentar para que ele mesmo seja alimentado por Cristo e curado por ele, de modo que ele ministre isso ao rebanho. O capítulo doze continua o argumento sobre equilíbrio e cuidado no ministério.

O autor também aborda a cura da alma em relação a vícios como pornografia e acedia e o chamado a ministrar a essas questões com o cuidado e a cura da alma. Ele termina falando de uma esperança, citando as duas cidades no clássico de Agostinho, *A cidade de Deus*. Também escreve sobre a tríade do fazer teológico em Lutero, oração, meditação e tentação, aplicados ao ofício da cura da alma. E termina com um encorajamento a termos alegria no trabalho e contentamento até a vinda de Cristo.

O livro é um ótimo chamado a recuperarmos a noção cristã, bíblica e antiga do pastor como médico de almas em detrimento de caricaturas modernas de ministério. Escrito dentro de uma percepção luterana, pode ser lido por todas as igrejas da Reforma, haja vista o prefácio de um reformado, Michael Horton. Todo pastor, aspirante ao ministério, estudantes de teologia e membros de igrejas devem lê-lo, pois quanto mais soubermos do que é um pastor e qual a sua tarefa, maior será o benefício para o povo de Deus.

O livro foi muito bem escrito, com histórias e exemplos concretos, dando sentido a tese do autor, como também seu tom irônico, sábio e bem-humorado agregam e tornam a leitura agradável. Estamos na torcida pela publicação deste livro em português.



Juan de Paula

Sobre o autor

Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós Graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela Ulbra. Professor de Teologia em seminários no Rio de Janeiro. Pastor da Igreja Batista do Redentor no Rio de Janeiro e casado com Eulina Seda.

Uma Constituição para as nossas comunidades em miniatura

A família como uma célula de resistência

Ben C. Dunson



No livro *A opção beneditina*, bem como em sua sequência, *Live not by lies* [Não viva de mentiras], Rod Dreher aborda os passos que os crentes cristãos necessariamente devem dar para se preparam para as provações que se aproximam rapidamente. Nossa país parece estar prestes a enfrentar dias sombrios. O número de crentes cristãos nos Estados Unidos diminui a cada ano, ainda que parte dessa estatística se refira a cristãos nominais que deixam de se identificar como tais, em qualquer sentido. O impacto de tudo isso tornou-se particularmente óbvio no campo da sexualidade humana, em que (mesmo em igrejas ostensivamente evangélicas) o ensino bíblico é amplamente desconsiderado. No ano passado, a Noruega aprovou uma lei que torna ilegal criticar a homossexualidade ou a transexualidade, seja em público ou em privado, com penas de prisão de um a três anos. Um deputado finlandês está sendo julgado neste momento simplesmente por ter enunciado os ensinamentos da Bíblia sobre a homossexualidade. Este mês, o Canadá tornou ilegal exortar alguém a se arrepender

de desejos homossexuais. Há muita gente nos Estados Unidos defendendo leis semelhantes (o futuro dirá se essas pessoas terão sucesso).

A família, insiste Dreher, é um dos principais baluartes contra os problemas que se aproximam. Ele chama as famílias de “células de resistência” contra os ataques de um mundo hostil.

Essa convocação para a guerra tem uma longa história na igreja cristã, remontando à igreja primitiva. À medida que a tradição se desenvolvia, muitos teólogos se apropriaram da tradição política clássica da Grécia e de Roma e a transformaram. No centro do seu pensamento estava a ideia de que a formação de um estado virtuoso tem de começar com o indivíduo e a família.

Pedro Mârtir Vermigli, um reformador protestante italiano, apresenta um bom exemplo dessa tradição em seu comentário sobre a *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, publicado postumamente (1563):

Entre esses temas morais, a ética vem seguramente em primeiro lugar, seguida pela economia e, finalmente, pela política. Para mim, essa ordem é circular. Por meio da ética, os que a estudam se tornarão, um a um, bons homens. Se eles se mostrarem íntegros, criarão boas famílias. Por sua vez, famílias firmadas em princípios corretos criarão boas repúblicas. E, em boas repúblicas, tanto a lei como a administração visarão nada menos do que cada homem se tornar um bom cidadão, pois têm olhos não apenas para o corpo, mas também para o espírito, e cuidarão para que os cidadãos vivam de acordo com a virtude.

Neste artigo, não examinarei a ideia da família como uma pequena comunidade em geral (por mais importante que ela seja), mas a necessidade de que essas comunidades sejam devidamente formadas e reguladas por meio da prática da catequese, que tem uma longa e venerável tradição nas igrejas cristãs.

Essa tradição é de vital importância hoje. Sem um vigoroso programa de educação e instrução cristã nas nossas famílias, qualquer sucesso alcançado na comunidade mais ampla não terá importância. Muitos cristãos, justificadamente preocupados com o estado da sociedade, cometem o erro de não começar pelo próprio lugar onde podem realmente ter um impacto significativo: suas próprias casas. Se não conseguimos pôr a nossa casa em ordem, o que nos faz pensar que seremos capazes de pôr a nossa comunidade, estado e nação em ordem? Mais importante ainda, obviamente, é que o bem-estar eterno dos nossos filhos está em jogo.

O teólogo luterano dinamarquês Niels Hemmingsen colocou bem esse “foco na família” em sua obra de 1562, *On the law of nature* [Sobre a lei da natureza]:

Mas como o homem é, por assim dizer, uma comunidade em miniatura, o resultado é que as virtudes da alma pelas quais a integridade do estado do homem é preservada devem ser transferidas para a sociedade e para os domínios dos homens. Pois, por essas quatro virtudes — a prudência, a temperança, a coragem e a justiça, — as sociedades dos homens são preservadas, ou seja, suas famílias e comunidades.

O homem é uma comunidade em miniatura, assim como a família. A reforma da nossa sociedade deve começar no lar.

Por que precisamos catequizar a resistência

Quando pensamos nos imensos desafios espirituais e morais que nossos filhos enfrentarão nos próximos anos, precisamos procurar orientação nas Escrituras. A Bíblia orienta os pais cristãos a criarem seus filhos “na disciplina e instrução do Senhor” (Efésios 6.4, ESV; a versão King James da Bíblia usa a conhecida redação “na criação e admoestação do Senhor”). O que quer dizer isso?

Em primeiro lugar, significa ensinar à nossa família todo o conselho da Palavra de Deus. Isso é o que está indicado pela palavra “disciplina” ou “criação”. O uso de “criação” na versão King James capta o sentido holístico da palavra, que não é simplesmente corrigir o mau comportamento. Em segundo lugar, significa “admoestar” os nossos filhos. Isso inclui instrução, mas também inclui correção quando um deles se desvia. Considerado como um todo, o versículo de Efésios 6.4 dá aos pais uma grande responsabilidade: Deus nos confiou o desenvolvimento espiritual e intelectual dos nossos filhos. Precisamos ensinar-lhes o evangelho, precisamos ensinar-lhes “todo o conselho de Deus” (Atos 20, 27) e precisamos ensinar-lhes como pensar na cultura e em todas as influências que incidirão sobre eles neste mundo. Temos de estar vigilantes: os nossos filhos serão bombardeados com ideias contrárias à Palavra de Deus. Elas chegarão até eles nas escolas, nos programas de TV que assistem, na música que ouvem e nas conversas que têm com os amigos. Eles se defrontarão com uma infinidade de inverdades morais e teológicas a cada esquina. Não será fácil lutar contra essa situação, mas precisamos fazê-lo. Deus requer isso dos pais.

Vemos esse imperativo no Antigo Testamento também. A passagem de Deuteronômio 6.7, falando a respeito dos mandamentos de Deus, diz aos pais: “[...] e as ensinarás a teus filhos e delas falarás sentado em casa e andando pelo caminho, ao deitar-te e ao levantar-te.” Falar das coisas do Senhor deve ser uma constante nas nossas conversas em família, a cada minuto, a cada hora, dia a dia. Nossos filhos têm de saber o que é verdade sobre Deus e sobre si mesmos e devem aprender a avaliar o mundo segundo esse padrão.

A passagem de Provérbios 22.6 nos mostra o que devemos fazer: “Instrui a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando envelhecer não se desviará dele”. Deus determinou tanto o meio (treinamento) quanto o fim (não o início) da salvação e proteção espiritual de nossos filhos.

Se não ensinarmos aos nossos filhos o que Deus exige e o que ele proíbe, e como discernir uma coisa de outra, eles ficarão totalmente indefesos em um mundo de trevas. Nossos filhos devem ser vacinados contra todas as cepas de incredulidade por meio de uma exposição constante às verdades das Escrituras. Eles precisam ver e saborear a bondade de Jesus Cristo em sua Palavra para que, como diz o hino, as “coisas da terra empalideçam cada vez mais, à luz de sua glória e graça”. Deus dá aos pais essa responsabilidade extraordinária.

O debate sobre qual tipo de educação é melhor (pública, privada ou em casa) é uma constante nos meios cristãos. Não vou resolver esse debate aqui, mas posso afirmar uma coisa com confiança: seja qual for a forma escolhida para dar educação geral a seus filhos, você continua responsável diante do Senhor por instruí-los nas coisas do Senhor. Se você optar por enviá-los para uma escola pública (ou privada), não poderá se tornar passivo quanto a isso. Principalmente em uma escola pública, seus filhos vão ouvir muita coisa contrária à Palavra de Deus. A situação piora a cada dia. Ainda mais significativa será a pressão social que eles sofrerão para aceitar as concepções morais modernas (sobre sexualidade, família e muitas outras coisas). Isso significa que os pais precisam saber a que seus filhos estão sendo expostos e devem dar-lhes os instrumentos para resistir a essas ideias e forças sociais. Isso não é opcional. A pressão exercida sobre os nossos filhos para que se ajustem é imensa.

Como catequizamos a resistência?

Em termos práticos, como “instrui(r) a criança no caminho em que deve andar?”. Provavelmente, há muitas maneiras, mas algumas, em particular, resistiram

à prova do tempo. A primeira é a mais simples: precisamos ler constantemente as Escrituras para os nossos filhos e encorajá-los a também ler e meditar sobre elas em oração. O apóstolo Pedro disse isto sobre a Palavra de Deus: “Fostes regenerados não de semente perecível, mas imperecível, pela Palavra de Deus, que vive e permanece” (1Pedro 1.23). Não temos esperança, se não nos alimentarmos constantemente da Palavra. Também devemos ajudar nossos filhos a memorizar a Palavra, como vemos em Salmos 119.11: “Guardai a tua palavra no meu coração para não pecar contra ti”.

Outra maneira pela qual podemos cumprir nossa responsabilidade bíblica de instruir nossos filhos nas coisas do Senhor é catequizando-os. A catequese remonta aos primeiros dias da igreja cristã (o primeiro catecismo, o *Didaquê*, talvez date do primeiro século). Na sua forma mais básica, um catecismo é simplesmente um resumo das verdades centrais das Escrituras. O Credo dos Apóstolos e o Credo Nínceno eram, de certa forma, simples catecismos (embora, por serem credos, tivessem mais autoridade na igreja primitiva). Alguns catecismos na igreja primitiva eram mais longos, tomando a forma de tratados, tais como os de Cirilo de Alexandria, Gregório de Nazianzo, e, mais tarde, no início da era da igreja, o de João Dama-ceno. A prática da catequese continuou durante o período medieval (veja, p. ex., o Catecismo de Tomás de Aquino) e floresceu também na época da Reforma protestante. Alguns dos catecismos protestantes mais famosos são os catecismos Maior e Menor de Martinho Lutero, o catecismo de Heidelberg e os catecismos Maior e Breve de Westminster. Curiosamente, muitos catecismos, desde a igreja primitiva até a época da Reforma, são organizados segundo a mesma estrutura, com seções principais explicando o Credo dos Apóstolos, os Dez Mandamentos e a Oração do Senhor. Que verdades bíblicas podem ser mais importantes do que essas?

Uma terceira maneira de ensinar as coisas do Senhor diligentemente aos nossos filhos é a prática do culto familiar, que também tem uma longa tradição na história da igreja. O culto familiar, assim como a catequese, é uma prática simples. Ele pode ser apenas ler e discutir uma seção da Bíblia, orar em conjunto e cantar um hino. Esses são os elementos centrais da adoração, bíblicamente falando, e são, de fato, tudo o que é necessário para um breve período de culto familiar diário.

Algumas sugestões práticas podem ser úteis aqui. Em nossa família, abordamos a catequese da seguinte forma (nós educamos nossos filhos em casa, então isso pode ter contornos diferentes de acordo com a realidade de cada família).

De manhã, o dia da escola começa com a Bíblia sendo lida para os nossos filhos reunidos. Em seguida, eles trabalham em um ou dois versículos para memorizar. Finalmente, eles recitam a pergunta da semana do Breve Catecismo de Westminister. Isso leva cerca de vinte minutos (total para quatro crianças). Depois, nossos filhos estudam ciências, matemática, literatura e todo o resto. Nas tardes de domingo, passamos um tempo revisando e discutindo um número maior de questões do catecismo (geralmente de 5 a 10). Isso geralmente leva cerca de uma hora. Toda noite, imediatamente após o jantar, temos um tempo de culto familiar que consiste em ler a Bíblia, discutir brevemente o texto, orar e cantar um hino. No total, gasta-se cerca de meia hora. Se você se sente intimidado pela ideia de discutir o texto bíblico no culto familiar, talvez se sinta mais à vontade usando o Guia Bíblico de Adoração Familiar (também disponível em uma versão mais barata). Ele fornece um par de parágrafos curtos para cada capítulo de toda a Bíblia, com foco em aplicações concretas do texto. Também temos hinários para cada membro da família.

A forma específica de fazer qualquer uma dessas coisas (ou todas elas) não é o mais importante. Também não importa a quantidade de tempo gasto. Alguns podem achar melhor fazer o culto familiar pela manhã; outros, durante o almoço. Alguns podem achar que o catecismo funciona bem durante a aula em casa; já para outros, é melhor fazer à noite. Quanto tempo você deve gastar no culto familiar? Mantenha-o curto. Esse não é um culto completo. Vocês só tem 15 minutos? Então passem 15 minutos em família com as Escrituras. Pense no impacto que 15 minutos por dia lendo a Palavra de Deus e orando juntos terão ao longo da vida de uma criança. Dezoito anos de 15 minutos por dia são 1642 horas. Talvez vocês deixem de fazer o culto alguns dias. Não deixe passar essa oportunidade só porque não consegue manter uma constância perfeita. Cada pouquinho ajuda. Nossos filhos serão bombardeados no mundo com muita coisa contrária à Palavra de Deus. Catequese e adoração familiar são duas formas de combater esse mal. Tudo isso deve ser feito no contexto de amorosa e coerente disciplina dos nossos filhos. Para ver o quanto a disciplina é importante (e difundida) na Bíblia, veja: Deuteronômio 8.5; Jó 5.17; Salmos 94.12; Provérbios 3.11-12; 5.7-14, 22-23; 6.20-24; 12.1; 13.24; 15.10; 19.18; 23.13; 25.15; 29.17, 19; Efésios 6.4; Hebreus 12.3-11.

Às vezes ouço pessoas dizerem que coisas como: catequese e culto familiar não são exigidas nas Escrituras. Está certo. Mas é exigido que criemos nossos filhos na instrução e admoestação do Senhor. Ensiná-los diligentemente, falando com eles

sobre a Palavra de Deus quando nos assentarmos em nossa casa, quando andarmos pelo caminho, quando nos deitarmos e quando nos levantarmos é exigido. É exigido que ensinemos a criança no caminho em que deve andar. Se você sabe de uma maneira melhor do que a catequese e o culto familiar para fazer tudo isso, então ponha em prática! Mas não negligencie a educação espiritual de seus filhos. Faça da maneira que quiser, mas faça. A felicidade eterna dos seus filhos depende disso.

Um quarto aspecto da instrução dos nossos filhos nas coisas do Senhor nos faz passar da família para a igreja. O texto de Hebreus 10.25 nos lembra que não devemos deixar de nos reunir coletivamente como povo de Deus. É a pregação da Palavra de Deus que salva (1Pedro 1.23). Somente quando estamos reunidos em adoração é que somos fortalecidos pela Ceia do Senhor (1Coríntios 11.17). A catequese e o culto familiar são vitais, mas devem ser feitos no contexto da igreja. Foram os pastores e presbíteros da igreja que receberam de Deus a responsabilidade de pastorear as almas do povo de Deus, e eles terão que prestar contas a Deus sobre sua obediência fiel (Hebreus 13.17). João Crisóstomo, pastor do quarto/quinto século pregou corretamente que “o lar é uma pequena igreja” (Homilia 20 sobre Efésios), mas é uma pequena igreja que não pode prosperar (ou mesmo sobreviver) sem uma conexão vital com todo o corpo de Cristo, como ele se manifesta em uma congregação em particular. Temos de centrar nossa vida na igreja. Devemos estar presentes e engajados no culto da igreja, de manhã e à noite (se possível!), domingo após domingo.

Conclusão

Deus pode salvar e abençoar nossos filhos sem as coisas que escrevi acima? Sim. No entanto, o que descrevi são os meios normais que Deus promete usar para o bem espiritual de nossos filhos. Posso sobreviver a um acidente de avião? Talvez. Mas não quero testar essa teoria.

O que devemos fazer se falhamos nessa área? Talvez não tenhamos entendido a nossa responsabilidade como pais até os nossos filhos serem mais velhos. Talvez tenhamos falhado completamente em tudo isto e os nossos filhos já tenham saído de casa. Isso muitas vezes provoca um esmagador sentimento culpa e vergonha. A solução fácil é minimizar a importância das exigências da Palavra de Deus. Se baixarmos o nível, não precisamos nos sentir tão culpados. Mas essa é uma falsa esperança. Devemos, em vez disso, confessar nossas falhas pecaminosas ao Senhor. Ele é “bom, pronto a perdoar e cheio de amor para com todos os que

[o] invocam" (Salmos 86.5). Então, confiando na sua graça, devemos nos esforçar para obedecer-lhe fielmente em tudo o que ele ordena, voltando à fonte transbordante da sua graça, dia após dia. Os avós podem ter oportunidades únicas que perderam com seus próprios filhos.

Ensinar as crianças a pensarem corretamente sobre Deus, sua Palavra e o mundo exterior sempre foi necessário. Mesmo assim, nosso mundo está rapidamente se tornando cada vez mais hostil até mesmo ao mais básico dos ensinamentos bíblicos. Se não formos vigilantes na formação espiritual dos nossos filhos, outras coisas em que possamos ser tentados a confiar serão de pouca utilidade. Os grupos de jovens da igreja, por exemplo, não trarão nenhum benefício, se os pais abdicarem do papel que Deus lhes atribuiu na instrução espiritual de seus filhos. Não podemos terceirizar a obrigação que Deus nos deu. Essa verdade é ainda mais contundente no ministério universitário. Muitas vezes, ouço cristãos lamentarem a tragédia das crianças que crescem na igreja e abandonam a fé quando vão para a faculdade. Se esperarmos nossos filhos irem para a faculdade para cuidar da alma deles, será tarde demais. A Palavra de Deus deve ser seu companheiro constante desde o nascimento. Se eles não foram formados para amar a Deus, serão deformados pelo mundo.

Criar os nossos filhos na instrução e na admoestaçāo do Senhor é uma responsabilidade espantosa. Quem tem capacidade de realizar essas coisas? Em nós mesmos, nenhum de nós. Mas a graça de Deus é suficiente. O poder dele se aperfeiçoa na nossa fraqueza, e é por isso que também devemos estar constantemente em oração pelos nossos filhos. Caso contrário, todos os nossos esforços serão em vão. Mas, em humilde confiança na graça de Deus, podemos voltar sempre à promessa que ele nos fez: "Instrui a criança no caminho em que deve andar, e mesmo quando envelhecer não se desviará dele" (Provérbios 22.6).

Se não começarmos por nós mesmos e pela nossa família, nada mais que buscamos fazer no mundo importará. A batalha pela alma da nossa cultura e da nossa nação será perdida antes mesmo de começar.

Tradução: Lucília Marques

Publicado originalmente em *American Reformer*, em 25 de janeiro de 2022.

Publicado com permissão.



Ben C. Dunson

Sobre o autor

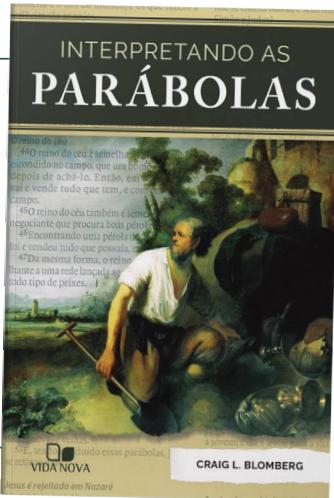
É o editor-chefe do American Reformer. Também é professor visitante de Novo Testamento no Greenville Presbyterian Theological Seminary (Greenville, SC). Foi professor no Reformed Theological Seminary, Reformation Bible College e Redeemer University. Mora em Dallas com sua esposa e seus quatro filhos.

Lançamentos

Interpretando as parábolas

Craig L. Blomberg | 16x23 cm | 512 p.

No último século, foram produzidos mais estudos sobre as parábolas do que sobre qualquer outra seção de extensão comparável na Bíblia. O problema é que a maioria dos leitores da Bíblia provavelmente nunca ficará sabendo desses estudos. Nessa nova edição ampliada, Craig Blomberg analisa e avalia as abordagens críticas contemporâneas às parábolas, questionando o consenso predominante e fazendo sua própria, nova e importante contribuição aos estudos das parábolas.



Transumanismo e a imagem de Deus

A tecnologia de hoje e o futuro do discipulado cristão

Jacob Shatzer | 14x21 cm | 256 p.

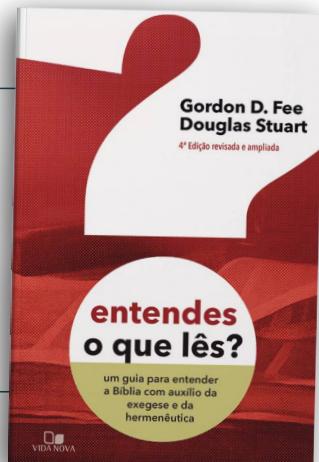
Ao investigar tópicos como inteligência artificial, robótica, tecnologia médica e ferramentas de comunicação, o autor expõe de que maneira as transformações tecnológicas do cotidiano já modificaram e continuarão modificando a forma que pensamos, nos relacionamos e compreendemos a realidade. Em sua análise da doutrina da encarnação e de suas implicações para a identidade humana, Shatzer nos ajuda a compreender melhor o lugar apropriado da tecnologia na vida do discípulo e a evitar as falsas promessas da perspectiva transumanista.

Entendes o que lês? - 4^a Ed. revisada e ampliada
Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica

Gordon D. Fee e Douglas Stuart | 14x21 cm | 416 p.

MAIS DE 900.000 EXEMPLARES VENDIDOS

Com uma linguagem agradável e fácil de ler, esta é uma ferramenta indispensável para pregadores e estudantes da palavra!

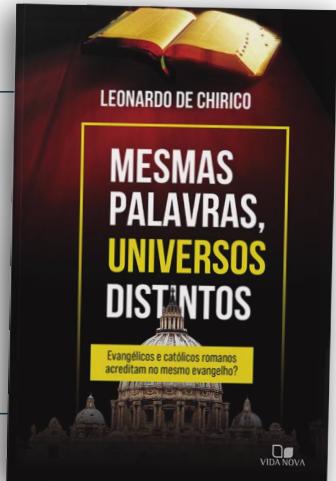


Mesmas palavras, universos distintos
Evangélicos e católicos românicos acreditam no
mesmo evangelho?

Leonardo De Chirico | 14x21 cm | 192 p.

Protestantes evangélicos e católicos românicos
compartilham a mesma fé?

Será que suas incontornáveis diferenças teológicas
revelam que, apesar de serem chamados de cristãos,
na verdade, não pregam o mesmo evangelho?



Manuscritos do Novo Testamento
Uma introdução à paleografia e à crítica textual

Philip Comfort | 16x23 cm | 512 p.

Nessa obra, paleografia e crítica textual se unem para
oferecer uma excelente introdução aos textos
neotestamentários, oferecendo aos leitores uma visão
da transmissão da Bíblia desde os primeiros séculos
da era cristã.

Teologia Sistemática: 2ª Ed. revisada e ampliada

Wayne Grudem | 17x24 cm | 1744 p.

Essa *Teologia Sistemática* é o recurso mais usado ao
longo dos últimos 25 anos nessa categoria. Ultrapassou
a marca de 750 mil exemplares!

Essa nova edição contém 640 páginas a mais! Todos
os capítulos foram revisados e ampliados e novo
conteúdo acrescentado.

